



VOZ DO SANTUÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da Irmandade de Nossa Senhora das Preces Telefone 192 de Galizes	Director e Editor P.º Mário Oliveira de Brito	Redacção e Administração Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra» Bairro de S. José, 2—Coimbra—Telef. 2857
--	--	---



AN.P.42

TURISMO REGIONAL

Fala-se hoje muito em Turismo e verdade seja que muito se tem feito, no desejo de valorizar os nossos monumentos artísticos e históricos e os lugares que a natureza privilegiou com as suas belezas encantadoras, e com a preocupação, sempre constante, de as mostrar, ou pelo menos indicar, àqueles que as desconhecem.

Na verdade, há muitos portugueses que desconhecem a sua Terra, isto é, os muitos recantos de Portugal cheios de belezas e de encantos, as muitas paisagens deslumbrantes, quer junto ao mar quer no seio das montanhas.

As Comissões de Turismo, num gesto bem português e sempre louvável, procuram com a sua propaganda tornar Portugal conhecido dos portugueses e estrangeiros.

Mas parece-nos que as maiores atenções e os maiores esforços se concentram, de mais talvez, nos grandes meios, nas grandes cidades e vilas e em locais já por si mesmos dotados de grande poder atractivo.

Quando saímos destas nossas aldeias e vamos percorrer muitas terras do nosso País, ficamos contentes, bem impressionados, vendo progressos por toda a parte, mas ao mesmo tempo sentimos uma certa pena de vermos a nossa região um pouco esquecida dos seus problemas turísticos.

Hoje os turistas, os que passem em viagens de estudo ou recreio, já se não limitam aos grandes meios. Fogem mesmo deles para procurarem o ar puro dos campos, o sossego das montanhas e a vida sã das aldeias em contacto com o seu povo laborioso e hospitaleiro.

Talvez os senhores carteiros saibam explicar

Com data de 21 de Janeiro recebemos um postal de Vila Franca do Ervedal e assinado pelo sr. António Fernandes de Figueiredo, inscrevendo-se como assinante da *Voz do Santuário*.

Enviou-se-lhe o jornal e poucos dias depois recebeu-se devolvido, com a seguinte nota: «é desconhecido o destinatário em Vila Franca do Ervedal e por informações também não conheço». Segue-se uma rubrica ilegível. Onde estará o gato?

Porque se não hão-de olhar, com mais atenção e carinho, os motivos turísticos das nossas terras da Beira onde há tanto que ver, tanto que admirar... e valorizar?

Porque se não hão-de proporcionar, a quem nos visita, ocasiões agradáveis de apreciar o que nas nossas terras há de melhor, de mais histórico, de mais belo e artístico?

Cada vez se sente mais a necessidade de se criar a Comissão Municipal de Turismo, entidade oficial à qual, por direito, compete elaborar planos de obras e propaganda, congregar esforços, sugerir ideias e chamar a atenção de outras entidades superiores para o problema do aformoseamento das populações rurais.

Estamos certos de que a sua criação seria mais um passo a caminho do progresso da nossa Terra.

MÃE DA DIVINA GRAÇA

Maria Virgem é Mãe de Cristo. Consequentemente foi dada aos homens como Mãe. Também foi dada como Mãe aos Anjos.

Nos homens e demais criaturas, pode considerar-se a geração sob cinco pontos de vista: natural, espiritual, adoptiva, educativa, e restauradora.

Na geração *natural*, os pais realizam a procriação dos filhos.

Na geração *espiritual*, realiza-se uma operação divina, pela qual se comunica ao homem um ser novo, o ser filho de Deus, por participação da natureza divina.

Na geração *adoptiva* um estranho confere a outrem, à face do Estado, o direito à sua herança.

Na geração *educativa* um Mestre derrama a ciência na alma do seu discípulo, à maneira do que escreveu o Apóstolo S. Paulo: *Eu gerei-vos por meio do Evangelho*.

Na geração *restauradora*, a pessoa que pratica a restauração ou renovação, é chamada, com justiça, pai ou das pessoas, ou das famílias ou da pátria restaurada.

Através da história deu-se a vários heróis e heroínas o glorioso título de Pai da Pátria, Mãe da Pátria.

Ainda hoje, na liturgia cristã e católica, se aplica este nome de luz à nossa Rainha Santa.

Maria, Mãe de Deus, Virgem das Virgens, e Mãe de Cristo, e Mãe da

Algumas notícias

— Em Arganil realizou-se um cortejo de oferendas em benefício do hospital, rendendo 275 contos.

— Os jornais do Norte dizem que em Esposende foram descobertos indícios de ali haver grandes lençóis de petróleo. O caso foi comunicado ao Sr. Ministro da Economia. Será mais uma riqueza para o nosso País.

— Diz-se que em Inglaterra milhares de protestantes estão a abraçar a doutrina católica. No ano de 1946 converteram-se ao cristianismo treze mil adultos.

Pois que todos se convertam para que haja um só rebanho e um só Pastor, segundo a palavra de Nosso Senhor.

— A rainha de Inglaterra vem em visita oficial a Portugal nos próximos dias 18 a 21 do corrente.

Estão a preparar-se grandes festas em sua honra.

Esta visita muito contribuirá para o estreitamento dos laços de amizade que une os dois países.

P.º Costa Ferreira

O Sr. P.º Manuel Joaquim da Costa Ferreira que foi Pároco de Alvoco das Várzeas e agora é Pároco de Tavadre e professor no Seminário da Figueira da Foz, teve a gentileza de nos enviar um exemplar do trabalho «Instituição Divina do Episcopado» e já no ano passado enviara também um exemplar de «Julio Diniz e a sua Obra».

É com vivo prazer que vemos este novo sacerdote dedicar-se de alma e coração ao seu munus pastoral e empregar uma parte do seu tempo a obras literárias.

O P.º Costa Ferreira deixou-nos saudades. Ainda hoje sentimos a sua falta, não só pela sua colaboração na «Voz do Santuário» mas especialmente pela sua camaradagem sempre leal e franca.

Estamos certos de que o seu dinamismo e as suas qualidades de trabalho lhe hão-de tornar o seu apostolado cada vez mais operoso e fecundo. São estes os nossos votos sinceros e cordiais.

Divina Graça, reveste os cinco títulos da maternidade.

I — É Mãe no sentido natural, a respeito de Deus. Gerou, do seu sangue, o Unigénito de Deus para a vida humana, o Primogénito do Altíssimo. Concebeu o Filho de Deus, por virtude do Espírito Santo, e deu-O à luz, ficando sempre íntegra a sua excelsa virgindade.

II — É Mãe espiritual. Quando visitou sua prima Isabel nas Montanhas da Judeia, o simples som da sua voz de saudação, ao penetrar os ouvidos da idosa mãe do Precursor, santificou o fruto daquele ventre que, até então, tinha sido estéril.

Pelo mesmo processo Maria é Mãe dos que se convertem. Alcança por sua intercessão a graça da justificação, e os auxílios especiais e eficazes para que os justificados perseverem na vida da graça.

III — É Mãe adoptiva. No cimo do Calvário, por entre tempestades de sofrimento e dor, ela foi dada por Mãe a João Evangelista, e, na pessoa do Discípulo Amado, recebeu todos os homens por filhos.

As outras mães adoptivas recebem por filhos os estranhos sem que a isso sejam obrigadas. Mãe foi suavíssima sejam obrigadas. Mãe foi suavíssima obrigada, por manifestação expressa da vontade divina, a tomar por filhos os desgradados filhos de Eva.

IV — É Mãe educativa, e nutritiva.

Estende sobre o mundo o seu manto de patrocínio, de tutela, de força, para se poder resistir às potestades do mal.

Derrama nas inteligências a ciência da salvação.

Ensina lá do céu, e veio ensinar à terra. Não é Lourdes uma cátedra de ciência que se espalha por todo o orbe?

Não é Fátima o altar do mundo, donde jorram torrentes de ciência que conduz as almas à vida eterna?

Não são estes Santuários, fontes de consolação para tantos que os visitam?

De resto, a vida de Maria Santíssima, divinamente resumida nas páginas do Evangelho, é uma lição imitável, simples, e eloquente.

V — É Mãe restauradora. Se Cristo foi o restaurador e o renovador e o redentor do mundo que jazia na lama dos seus nefandos pecados, Maria cooperou nessa restauração, renovação e redenção com trabalhos, com lágrimas, com sofrimentos, com acção, e com toda a sua vida.

Levantem-se dos corações sentimentos de religiosidade para com a Mãe da Divina Graça.

Pelos seus merecimentos e preces serão atendidas por Cristo seu Filho, os nossos gemidos, as nossas aflições, as nossas PRECES.

J. A.

Notícias de S. Vicente da Beira

Em 16 do passado mês de Dezembro faleceu aqui, muito cristãmente e ao cabo de grande sofrimento, a sr.^a D. Mariana da Trindade Lino, solteira, de 90 anos de idade. Era aqui muito estimada pelo que o seu funeral realizado no dia 17 foi uma grande manifestação de pesar.

Aos seus 10 sobrinhos, incluindo a Sr.^a D. Natividade da Silva Lino que foi quem a tratou com o maior carinho e desvelo até à hora da morte, e especialmente às nossas estimadas assinantes: Sr.^a D. Laura Lino Lopes e seu marido Sr. António Lino Lopes; Sr.^a D. Emília Barroso Lopes, e o Sr. João Lino Lopes, aqui lhe deixamos expressos os nossos mais sentidos pêsames.

— Faleceu também no dia 27, do referido mês, o Sr. Manuel Pedro, viúvo, de 67 anos, que deixou 4 filhos e 15 netos, aos quais apresentamos os nossos sentimentos, e muito principalmente ao nosso amigo Sr. Manuel Pedro, e ao nosso assinante, neto do falecido, Sr. Manuel de Jesus Pereira.

— Por ocasião do Natal e Ano Novo tivemos a satisfação de aqui cumprimentarmos, entre outros, os nossos amigos e assinantes da «Voz do Santuário» Srs. Mário Patrício, sua Esposa e interessante filhinha; Sr. António Lino Lopes e sua Esposa D. Laura Lino Lopes, já de regresso

ANEDOTAS

O noivo dirigiu-se à casa paroquial para fazer o seu exame de doutrina.

— Diga-me uma coisa: quantas são as três pessoas da Santíssima Trindade?

— São dez, sr. Vigário!

— Vá aprender, e volte!

O noivo, muito desolado, encontra um colega que vem para o mesmo fim.

— Vai fazer o exame?

— Pois, então?

— Veja lá, bem! O Vigário hoje está difícil de contentar. Quantas são as três pessoas da Santíssima Trindade?

— São três, homessa!

— Caia nessa e você há-de ver! Eu disse que eram dez e ele achou pouco!

Quando o Sr. Bispo fez uma das visitas pastorais, notou que por baixo da cama havia um grande buraco no soalho.

— Para que é isso, padre José?

— É por causa das pulgas. Excelência!

— Como?

— Elas vêm a pular, a pular, e zás! caem no buraco.

Um bêbado encontra um amigo na rua:

— Eu só bebo em duas únicas ocasiões: quando saio de casa e quando não saio de casa.

de Uige-Angola para onde haviam partido em Agosto do ano findo em serviços de administração da sua vida particular; o 1.^o cabo de Aviação da Base de Tancos Sr. Joaquim Fernandes Paiáguia; o Sr. Alvaro Fernandes Pedro, aluno mecânico de Aviação na Base de Sintra, e o também nosso Amigo e assinante Sr. João Alves Patrício, de regresso já de Aldeia de João Pires, em virtude dos seus serviços de enfermagem já não serem precisos ao ilustre enfermo Sr. Padre José Maria Nogueira, por este Rev.^o Sacerdote ter falecido.

— Dia 20 deste mês de Janeiro realizar-se-há aqui a feira de S. Vicente, que, como nos outros anos, usa ser muito concorrida, e este ano melhores perspectivas há, de o vir a ser, porque há poucos dias que «deixou de correr a telha».

— Dia 22 terá lugar o Sagrado Lausperene, na nossa igreja onde não faltarão as irmandades nem nenhum dos filhos da terra a prestarem as honras e as homenagens devidas a Nosso Senhor Sacramentado.

Presidirá ao acto S.^a Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo D. João de Deus Ramalho.

Também neste dia será distribuído aos pobres o «pão de S. Vicente», devendo a sua festa realizar-se, se Deus o permitir, ao Domingo seguinte, dia 27.

— Fez 16 anos, em 23 de Dezembro último, a nossa simpática assinante, a menina Maria Angelo S. Miranda, de Águeda; e fazem também anos: a 20 de Janeiro, a menina Maria Madalena Rodrigues Inês, filha do nosso assinante sr. Joaquim Rodrigues Inês, de S. Vicente da Beira; a 26 de Fevereiro, o nosso bom assinante Sr. Feliciano Pereira, de Lisboa; a 27, a nossa assinante Sr.^a D. Maria da Piedade dos Santos Candeias, de Lisboa; a 29, o menino José António Lino Craveiro, filho do nosso assinante sr. Francisco dos Santos Craveiro, residente em Cacilhas; a 4 de Março, o nosso assinante sr. António Calmeiro Bernardão, do Freixial do Campo; a 6, o menino Francisco da Costa Lourenço, filho do nosso assinante sr. João da Costa Vaz, da Oles — Lourical do Campo; a 8, o assinante sr. Manuel de Jesus Pereira, de S. Vicente da Beira; a 10, a sr.^a D. Maria Albertina Craveiro, esposa do nosso assinante sr. Francisco Jerónimo dos Santos, Lisboa; e a 18 do mesmo mês de Março, o menino António Rodrigues Inês, filho do nosso assinante sr. Joaquim Rodrigues Inês, de S. Vicente da Beira.

Casa da Cerca, 18-1-1957.

JOSE LOURENÇO

CURIOSIDADES

Entre a França e a Itália, através do Monte Branco, vai ser construído um túnel que terá doze quilómetros de comprimento e fica a mil trezentos e oitenta metros acima do nível do mar.

Calcula-se em três ou quatro anos o tempo necessário para a sua construção e custará uns 520 mil contos que serão pagos pelos governos francês e italiano.

Um «relógio maravilhoso», construído há cem anos, fez endoidecer o seu construtor, quando por fim começou a trabalhar acertadamente pela primeira vez.

O relógio está agora em exposição depois de ter beneficiado de reparações.

Josef Kress, que levou seis anos a construir o relógio, fechou-se numa sala para levar a cabo o seu trabalho. As ferramentas, materiais e comida eram-lhe passados através de uma fenda na porta.

O relógio pesa mais de uma tonelada, indica as horas em 14 importantes cidades e, por meio de figuras de madeira que se movem, mostra os passos da via-sacra, os doze Apóstolos que aparecem de doze em doze horas em frente da figura de Cristo, as quatro estações do ano, sete deuses pagãos, o sol, a lua e as estrelas. Também toca música por gaitas de madeira...

Kress pretendia que um galo de madeira cantasse três vezes, sempre que aparecia o Apóstolo S. Pedro. Porém, o galo recusava-se a cantar...

Várias vezes desmanchou todo o maquinismo e contudo o galo não cantava. Kress enfureceu-se e estava quase a destruir o relógio, quando subitamente o galo cantou...

A rir e a cantar, Kress saiu precipitadamente da sala pela primeira vez passados seis anos. O êxito repentino tinha-o enlouquecido. Durante dois anos esteve internado num hospital de doenças mentais, mas faleceu pouco depois de sair dali.

Condições de Assinatura por ano

A Voz do Santuário que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simple assinantes	— 10\$00
Assinantes benfeitores	— 20\$00
Estrangeiro	— 20\$00

Adágios

— Candelária chovida à candeia dá vida.

— Fevereiro quente trás o diabo no ventre.

— Se a candelária chora, está o inverno fora; se a candelária rir, está o inverno para vir.

— Em chegada o S. Brás, verás o que o inverno fez e o que o inverno faz, se vai para diante ou fica para trás.

— Tanta chuva pelas candeias, tantas abelhas para as colmeias.

— Quando não chove em Fevereiro nem bom pão nem bom lameiro.

— Em dia de S. Mateus (24) começam as enxertias.

Uma capela com rodas

No Canadá um sacerdote mandou fazer um automóvel à maneira de capela com todos os precisos para os officios divinos.

Destina-se a estacionar junto dos parques de taxis para que todos os que são católicos possam cumprir os seus deveres religiosos.

É que no Canadá quem é católico é-o a valer e como os motoristas não podem ir à igreja vai a igreja ter com eles.

Senhores motoristas de Portugal, limpem-se a este guardanapo.

A MULHER, o amor e Deus

Na América, a revista «Life» publicou um magnífico número especial dedicado à Mulher norte-americana.

Numa espécie de editorial sobre o significado do referido número e intitulado «A Mulher, o Amor e Deus», a grande ilustração faz afirmações sintomáticas num país de tradições e maioria protestantes. Eis um exemplo:

«Nos Evangelhos, o grande papel da mulher é representado pela mãe de Jesus. Pelo seu livre assentimento à mensagem de Gabriel, a Virgem Maria tornou possível a Jesus ser o filho do homem e ao mesmo tempo, o filho de Deus. As linhas a seu respeito no Evangelho são tão poucas, mas tão cruciais e belas que lhe mereceram o cognome de Rainha dos Céus, «vestida de sol e com a lua a seus pés».

A América protestante tem sobretudo procurado evitar intercessores entre o homem e Deus. A Maria da Bíblia gostaria pouco desta dissensões, entre cristãos, que têm tanto com que concordar. Podem com certeza concordar nisto: que, se Maria estivesse ausente da história cristã, o significado da vida humana perderia metade do seu alcance e esperança, especialmente na América. Pois o amor que a Virgem simboliza é o amor de que os americanos estão mais necessitados...

Maria representa a capacidade humana de amor na maior plenitude...

Nesse notabilíssimo artigo, aponta-se a necessidade de os americanos reverem as suas noções sobre o amor, à grande luz cristã; citam-se as orações do ritual católico do matrimónio e cita-se o poeta católico Paul Claudel, que escreve: «A mulher desperta no homem um desejo que ela por si não pode satisfazer e que só pode ser satisfeito em Deus».

A «Life» conclui: «Se uma mulher, «suma e complexo de toda a natureza», tem um papel mais importante que os outros que lhe incumbem, é o simbolizado por Maria como fonte de amor».

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Preces cresça, floresça, se desenvolva e progrida, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

Assinaturas pagas da «Voz do Santuário»

Com 10\$00 pagaram os senhores:

Emídio Gouveia, Cova da Piedade;
António Mendes Álvaro, Vale de Ma-
ceira;
Serafim Moreira, Chão Sobral;
Alfredo Pereira de Moura, Vendas de
Galizes;
D. Maria Eugénia Delgado, Lisboa;
D. Estefânia Costa Mendes, Avô;
José Lourenço da Paula, Chão Sobral;
Francisco Álvaro, Lisboa;
Maria Rosalina M. Pinheiro, Chão
Sobral;
Silvério Guilherme Afonso, Lisboa;
Joaquim Domingues dos Santos, Sil-
vadal;
Manuel Dias Formigo, Aldeia das
Dez;
D. Maria da Assunção Diniz Antu-
nes, Pomares;
Francisco Caldeira Monteiro, Lagares
da Beira;
Adelina da Conceição de Moura, Al-
deia das Dez;
José Nunes da Fonseca, Avelar;
José Nunes Barroja, Lisboa;
Álvaro Diogo, Fundão;
Maria de Lourdes da Cruz Nunes,
Aldeia das Dez;
José Lourenço Marcelino, Meãs;
António Gertrudes, Aldeia das Dez;
Legião Portuguesa de Aveiro, Aveiro;
António Castanheira, Sandomil;
Joaquim Matias, Lisboa.

Com 15\$00 pagou o senhor:

Joaquim Nunes Leitão, Lisboa.

Com 20\$00 pagaram os senhores:

Fernando Morais de Carvalho, Lis-
boa;
D. Amélia Tavares Diniz de Brito,
Aldeia das Dez;
Rui Lobo Marques, Oliveira do Hos-
pital;
Alfredo Varela Pinto, Oliveira do
Hospital;
Evaristo Marques dos Santos, Lisboa;
Alfredo Mendes Abranches, Lisboa;
Manuel Belo da Fonseca, Coimbra;
Cristiano Belo da Fonseca, Coimbra;
Prof. José Nobre da Fonseca, Setú-
bal;
Joaquim de Sousa, Vide;
Francisco Diniz, Oliveira do Hospi-
tal;
Aires Quaresma, Lourosa;
D. Isabel Pereira Mendes, Portimão;
D. Maria Clarinda Coelho Borges,
Galizes;

José Domingos, S. Vicente da Beira;
Freire de Lima, Lisboa;
P. Manuel Joaquim Cristo, Figueira
da Foz;
D. Isabel Maria Mesquita, Avô;
D. Isabel Maria M. Loureiro, Coim-
bra;
D. Maria José Luiza Loureiro, Lavos;
António Álvaro, Luanda;
Manuel Augusto F. da Rocha,
Luanda;
António de Oliveira e Silva, Luanda;
Luís Pinto Alves, Luanda;
Manuel Lima da Costa, Luanda;
D. Maria de Lourdes O. Vieira,
Luanda;
Gabriel Pereira Diniz, Aldeia das
Dez;
Sr. Coronel Diamantino Amaral,
Aveiro;
António de Moura, Ázere;
Alexandre Campos, S. João de Areias;
António da Encarnação, Praçais;
Aníbal Lourenço, Lisboa;
Mário Gomes de Brito, Penalva de
Alva.

Com 25\$00 pagaram os senhores:

Acácio Pais de Brito e Dr. Agosti-
nho Pires de Brito, de Lagares da
Beira.

Com 30\$00 o sr. António da Costa,
de Galizes e o sr. Augusto Pereira de
Campos, de Alvoco das Várzeas.

Com 40\$00 o sr. Carlos Gil, de Ca-
dima.

Com 50\$00 o sr. Artur Amaral,
Lobito.

Com 100\$00 a Ex.^{ma} sr.^a D. Maria
José da Cruz Soares, de Monção.

Por intermédio do sr. José Louren-
ço, de S. Vicente da Beira, pagaram
com 10\$00 os senhores Agostinho Mi-
guel, João Alves Patrício, António
Ramalho Candeias, D. Emília Barroso
Lopes, António Duarte Romualdo e
D. Maria Adelaide Rodrigues, todos
de S. Vicente. José Joaquim Pedro,
Colonato do Cela, Joaquim Varandas,
Pereiros; Baltazar de Almeida, Ata-
laia do Campo; Joaquim Fernandes
Paiáguas, Tancos; Álvaro Fernandes
Pedro, Granja do Marquês; D. Ma-
ria de Jesus Ribeiro Craveiro, Lisboa.
Com 20\$00 pagaram os senhores: Ma-
nuel Patrício Ganhão, Sobral do
Campo; 1.º Sargento João Calvão,
Lisboa; Manuel Lúcio Cordeiro, Ria-
chos; D. Laura dos Santos Lopes,
Rio de Mouro; Francisco dos Santos
Craveiro, Cacilhas.

OS ANOS Caça às toupeiras

(Antevendo o meu fim)

Ó Ano que há pouco entraste
— E que vais indo a fugir —
Ó Ano que já findaste...
Ano que estás para vir!

Todos os anos morreis,
Todos os anos voltais!
Mas quando eu morrer vereis
Que não torno a voltar mais!

Ó ano que hás-de levar-me:
Se puderes dizer quando!...
Faz o favor de avisar-me
Que me quero ir preparando.

Quem estiver preparado
Pode já morrer, embora,
Mas eu que sou descuidado
Mal de mim se eu fosse agora!

Quero dizer, todavia,
Aos amigos, que venero,
Que mais dia menos dia
É no céu que eu os espero.

Ao dizer adeus à vida
Deixa ó alma os restos meus
E corre, vai de seguida
Descansar nas mãos de Deus.

Se for minh'alma em cuidado,
Que a vá sossegar, Senhor,
Um Padre-nosso rezado
Dos que me devem amor.

Já sem vida «e sem vontade»
De ter d'ir a apodrecer,
Mas sem valer nem metade
Do que a mortalha valer!...

Lancem meu corpo ao coval
Que a terra logo o consome,
Sim, porque a terra, afinal,
Tudo cria e tudo come.

Ó ano que hás-de levar-me
Vou preparar-me amiguinho
Que a morte para buscar-me
Deve já vir no caminho.

J. L.

Nem tudo está perdido

No dia 2 de Janeiro partiu de Lis-
boa para Fátima, a pé, a peregrinação
da Juventude Universitária Católica
que, com exemplar espírito de peni-
tência, resolveu visitar a Cova da Iria,
oferecendo as suas orações e sacrifi-
cios pela martirizada Hungria que
continua a sofrer os maiores horrores
sob o domínio comunista.

Cerca de trezentos jovens camin-
hando a pé mais de duzentos quiló-
metros, numa época de tanto comodi-
smo, é de facto uma lição para a
nossa mocidade que foge do sacrifício
e de tudo quanto a possa molestar.

Mas como se vê ainda há jovens
sãos do corpo e da alma, e que se afligem
com as dores alheias. Nem tudo
está perdido, demos graças a Deus.

Bodas de Prata

Festejou no dia 17 de Janeiro as
suas Bodas de Prata, em Lisboa, onde
reside, o Rev.º sr. Padre Albertino
Robles Monteiro Barroso, filho que-
rido de S. Vicente da Beira, a quem,
por tal motivo, muito o felicitamos e
aos seus familiares, sem esquecermos
sua extremosa Mãe a Ex.^{ma} sr.^a
D. Amália Robles Monteiro Barroso
que nos dá a honra de ser contada
entre os assinantes da «Voz do San-
tuário».

O homem, na luta pela vida trata
sempre de arranjar maneiras de ga-
nhar dinheiro. Está neste caso um tal
sr. Joaquim Lucas, do lugar de La-
deira de N.ª S.ª do Carmo, freguesia
de Bogas de Baixo, que, na sua fre-
guesia e nas de Almaceda e parte da
de S. Vicente da Beira, tem dizimado
estes pobres animaizinhos, a que o
povo chama «escava-terras», por nas
hortas se encarregarem de fazer can-
alizações subterrâneas e de, sem que-
rerem, estragarem os alfobres e pre-
judicarem as regadias, ocasionando,
assim, grandes arrelias aos agricul-
tores.

No verão passado apanhou mais de
600, tendo obtido, por avença, obra de
uns 2 moios de alqueires de milho, e
leva, sendo à peça, 5\$00 por cada
uma!

Não deve ser mau negócio este,
para o sr. Lucas, tanto mais que ainda
fica com os corpos e com as peles das
toupeiras.

É bem verdade que neste mundo,
tudo tem os seus inimigos!

A perfeição

«Há sempre um modo melhor de
se fazer uma coisa, ainda que essa
coisa seja cozer um ovo» — dizia, com
razão, Emerson. Este modo melhor de
se fazer uma coisa, eis em que consi-
ste a perfeição. Mengs dizia que na
mais pequenina madeixa podia haver
a perfeição da forma. O homem atin-
ge a perfeição quando esgota toda a
sua capacidade de melhor fazer qual-
quer coisa. Há tanta arte e perfeição
no britador de pedras como naquele
que imprimiu num painel a vida da
natureza — se aquele soube com per-
feição executar a sua obra e se este
não foi medíocre no seu trabalho. Daí
a razão porque um filósofo chegava
a dizer: «Sê o melhor fabricante de
ratoeiras ou o melhor fazedor de dis-
cursos, que, ainda que mores no mais
intrincado da floresta, quem precisar
de ti abrirá caminho mata adentro até
te encontrar». Por mais humilde que
seja, o trabalho não avilta o homem;
ao homem é que é dado glorificar o
trabalho. Faz o que quizeres, mas faz
o melhor que puderes. O essencial é
não seres medíocre.

Veneza, a deslumbrante rainha do
Adriático, foi durante muito tempo
a grande impulsionadora da arte em
Itália. Centenas de artistas, sob a pro-
tecção de poderosos doges, fizeram de
Veneza uma das mais lindas cidades
do universo.

Um dia, Coleoni, nobre veneziano,
resolveu erigir a si mesmo uma está-
tua equestre. De todos os artistas que
viviam em Veneza, nenhum se atreveu
a fundir a colossal estátua do guer-
reiro. Noutros tempos, no entanto,
trabalhava em Veneza um grande fun-
didor de estátuas, Alexandre Leopardi;
mas fora exilado devido a seus
desregramentos. Leopardi era o único
homem capaz de fundir a estátua do
veneziano... E o senado não hesitou
em perdoar-lhe o crime, livrando-o do
exílio.

Sim jovem, o valor do homem é
mortal. Exilado ou não, Leopardi era
o maior fundidor de bronze. Procura,
pois, aprimonar-te em tudo o que fi-
zeres.



Dlim, dlim, dlim, dlim...
Assim, assim, assim, sim...

Estou a ficar muito contente com os sen-
hores assinantes.

Muitos acordaram. O som da campanha
chegou-lhes ao coração e à bolsinha e para cá
mandaram a notinha. Mas há ainda muitos
que estão a dormir o sono dos justos, o que não
é justo.

Eu quero meter a campanha no saco, mas
os senhores não façam ouvidos de mercador
porque senão... não.

Obras do Posto Médico de Aldeia das Dez

Antes de mais nada e para abrir esta procissão como lhe chamaria o saudoso Padre Américo, quero dar à estampa uma carta que alguém desta freguesia me enviou de Lisboa, e me encheu de alegria, não tanto pela valiosa oferta, 500\$00, mas sobretudo pelos nobres sentimentos cristãos que revela.

«Reverendo Sr. Padre Mário:

Apesar da distância, sigo com muito interesse tudo o que representa progresso da minha Aldeia e não há a menor dúvida de que a obra a que V. Rev.^a se abalançou é das mais urgentes em qualquer terra, onde o problema da assistência ao pobre é inexistente. Aqui lhe quero significar toda a minha gratidão na medida em que me sinto obrigado, como cristão, a auxiliar os meus semelhantes.

Embora a minha vida não tenha sido nunca um mar de rosas, há no entanto em mim a determinação de ajudar, na medida das minhas possibilidades, a tornar menos pesada a cruz dos pobres por amor de Deus e é com este pensamento que lhe envio uma pequena ajuda para a sua simpática obra.»

É para mim imensamente consolador verificar que todos os naturais de Aldeia apreciam esta obra e assim de perto ou de longe, estão a marcar a sua presença.

Digo até bendita a hora em que se pôs em marcha esta ideia que deu ocasião a que a gente de Aldeia das Dez manifestasse o seu amor pelos pobres e ao seu torrão natal.

Já não é apenas uma esperança, mas sim uma certeza, de que a obra irá ao fim. Em frente pois, de frente erguida e de alma agradecida.

Registamos mais os seguintes donativos:

O sr. Arnaldo Tavares Diniz, de Aldeia das Dez, 2.000\$00 com a promessa de que há-de ajudar mais. José Tavares de Carvalho, de Aldeia e residente em Angola, mais 1.000\$00. O sr. Agostinho Lourenço Duarte, do Goulinho e residente na América do Norte, 20 dólares. Srs. José Castanheira e Manuel Castanheira, residentes em Lisboa, 50\$00 cada. Sr. José Dias Correia, de Aldeia, 100\$00. Sr. José Augusto dos Santos, de Aldeia, 60\$00. Uma senhora que não quer que se diga quem é, 50\$00. O sr. Artur Amaral, residente no Lobito, 200\$00 «para a meritória obra a que meteu ombros». O sr. José Joaquim da Fonseca, de Aldeia, 250\$00. Maria de Lourdes da Cruz Nunes, 20\$00. Sr. Joaquim Manuel da Fonseca, 20\$00; O sr. José Lourenço, de S. Vicente da Beira, 100\$00. Sr. Francisco Álvaro, residente em Lisboa, 50\$00. D. Feliciano Hol, 200\$00. Sr. Manuel Belo da Fonseca, residente em Coimbra, 20\$00 e seu irmão Cristiano, 50\$. O sr. Mário Gomes de Brito, Penalva de Alva, 100\$00. José Lourenço, do Avelar e residente na Covilhã, 50\$00. Aníbal Lourenço e sr.^a Maria da Ressurreição, ambos residentes em Lisboa, 15\$00 cada. D. Isabel Maria Mesquita, de Avô, 80\$00. O sr. Coronel Diamantino Amaral, Aveiro, 400\$00. A sr.^a D. Maria Amélia dos Santos Amaral, de Aldeia e professora no Piódam, 100\$00.

No próximo número continuaremos a publicar os donativos recebidos em Aldeia no dia do cortejo, para que tudo fique registado.

Para fechar, acuso recebida a carta do amigo José Marques Álvaro, natural de Vale de Maceira e residente em Almada e nas salsas águas do mar porque é empregado nos navios da C. C. N.

Mandou 310\$00 numa subscrição que fez a bordo, prometendo continuar.

José Marques Álvaro, 50\$00; Comandante Manuel da Silva Paixão, 50\$00; José de Sousa Oliveira, agente no Porto, 50\$00; Manuel da Conceição Alves, 2.^o maquinista, 20\$00; José Cerqueira de Brito, 20\$00; Américo Alves, 20\$00; António Certo Marques, 50\$00; e Joaquim Soares, 50\$00.

Amigo, em nome dos pobres, muito agradecido e que outros sigam o exemplo humanitário e bairrista.

Quem cabritos vende e cabras não tem...

O estabelecimento do sr. Américo, do lugar de Vale de Maceira, já há tempo que andava a ser visitado por um freguês que tinha a habilidade de lhe ir tirando dinheiro e tabaco que o menino fumava regaladamente e descaradamente.

O dono do estabelecimento andava intrigado com o caso. Ele com a chave na bolso... e o dinheiro e tabaco a desaparecerem... Ali havia mistério. Até que um dia apanhou o freguês com chaves falsas no bolso. Pelos vistos e pelas suas declarações o cava-

lheiro tinha já uma larga folha de serviços e preparava-se para novas proezas.

Não sabemos se a mãe terá tido parte nos roubos, mas tem uma grande parte na culpa.

Ainda menino e moço, já ele se dedicava à arte de tirar dinheiro de lugares sagrados. A mãe avisada, jurava e batia fé que tal coisa não era e encobrindo as suas primeiras proezas encaminhou-o para estas desgraças. E aqui temos um rapaz infeliz, no caminho do crime, por culpa da mãe.

Os vestidos de Baptismo

O Baptismo é o sacramento da regeneração que apaga o pecado original, torna a criança filha de Deus e herdeira do Céu.

O Baptismo torna a alma da criança branca, pura e imaculada.

É por isso que a Igreja deseja que os vestidos das crianças, no dia do seu baptismo, sejam brancos também, simbolizando a brancura da sua alma.

Do enxoval deve fazer parte uma capa branca que o sacerdote lhe impõe no acto do baptismo e que deverá ser guardada como recordação daquele dia.

Se queres ser feliz...

— *Sê sempre bom e honesto.*

— *Fala pouco e age com cautela.*

— *Estima a todos, mas abre-te só com os amigos.*

— *Tem coragem para a luta e serenidade para o sofrimento.*

— *Sê gentil no trato e recto no proceder.*

— *Ama castamente, mas foge das paixões violentas.*

— *Não fales de ninguém e a ninguém acuses.*

— *Nunca mintas, nem tenhas inveja.*

— *Defende os fracos e ajuda os velhos.*

— *Sê caridoso e perdoa sempre.*

— *Não te metas em intrigas.*

— *Amealha sem avareza e gasta sem desperdício.*

— *Crê de verdade em Deus, e serás feliz.*

S. Gião

CASAMENTOS — Na igreja paroquial, celebraram o seu casamento o sr. Cristiano Gouveia da Cruz Coimbra, filho do sr. Luís Gouveia Coimbra e da sr.^a Ana de Gouveia, com a menina Palmira da Costa Ferreira, filha do sr. António Ferreira da Costa Júnior e da sr.^a Ana M. da Silva Ferreira.

Também o sr. Carmen da Silva Marques, filho do sr. Manuel da Cunha Marques e da sr.^a Maria do Alfaiate, com a menina Maria Angelina Venâncio, filha do sr. Luís Augusto Venâncio.

VISITAS — Vindo da Guarda, chegou a S. Gião a Sr.^a D. Maria do Carmo G. Freire, de visitar as pessoas amigas.

FESTAS — No dia 20 foi realizada a festa de S. Sebastião, com missa cantada e sermão pregado pelo Rev.^o Pároco de Vide. Houve procissão e arrematação de boas fogaças.

Senhores motoristas, assim não está certo

O domingo é o dia consagrado à oração, aos ofícios divinos e ao descanso.

Todo o trabalho ao domingo é uma transgressão da Lei de Deus.

Ora os donos das camionetas de carga estão a proceder muito mal, não só não cumprindo os seus deveres de cristãos, se o são, e de homens civilizados, mas, o que é pior ainda, fazendo com que outros não cumpram.

É frequente ver ao domingo camionetas carregadas de areia, de pedras, cavacas, madeiras, rolaria, etc., etc.

Ora o pessoal empregado nas cargas e descargas fica impossibilitado de cumprir os seus deveres religiosos.

É possível que os donos das camionetas de carga não tenham religião alguma, mas como homens civilizados têm obrigação de respeitar as ideias dos outros.

OS EMPREITEIROS TAMBÉM TRABALHAM AO DOMINGO

O mal já cá chegou infelizmente. Está em uso as obras de ajusto e os senhores que ajustam as obras são de fora da freguesia e consentem que o pessoal à sua conta trabalhe ao domingo, como se tem visto e se está a ver.

Se perguntássemos a alguns empreiteiros se eram católicos, eram capazes de afirmar que sim e não têm escrúpulo de mandarem trabalhar ao domingo.

Não sabemos se sobre este assunto à disposições legais, mas sabemos, e eles também sabem, que todo o trabalho ao domingo é proibido pela Lei de Deus.

Quando não há amor nem temor de Deus

Na América foi condenado à morte um cavaleiro que para conseguir uma fortuna de sua mãe colocou uma bomba na mala de viagem dela, que seguia de avião com mais 44 pessoas. O avião explodiu e todas as pessoas morreram.

Até onde chega a brutalidade do homem entregue aos seus instintos.

O homem sem Deus é pior que uma fera.

Quem devolve sem pagar...

Continuamos a receber devolvidos alguns jornais de assinantes atrasados nos seus pagamentos.

Alguém nos sugeriu que publicássemos os nomes dos caloteiros para vergonha deles e exemplo de outros.

Mas não senhor; esperamos que o remorso da consciência, se a têm, lhes lembre que é da doutrina pagar o jornal a quem trabalha.

A «VOZ DO SANTUÁRIO»

precisa de muitos assinantes. Ainda não chegamos aos dois mil. Arranje um novo assinante.

Depois de ler a «Voz do Santuário», não a deite para o canto. Dê-a aos seus amigos ou vizinhos.